



Alexandra Manes*

D. Duarte, quo vadis?

Em tempos que parecem já não regressar, esta seria a altura do ano em que comunicação social transmitiria notícias sobre as férias das portuguesas e dos portugueses nas praias algarvias, ou falariam de questões triviais para a sociedade, em reportagens dispersas pelo país, banhadas de sol e de boa disposição. Chamavam-lhe a “sillyseason.”

Esses tempos parece que não voltarão tão cedo. Talvez porque agora vivemos governações mais “silly” do que qualquer peça jornalística sobre o pequeno-almoço de uma família nas praias de Portimão. Ou talvez porque a trama se terá adensado de tal forma que as pessoas já não encontram apetite para esse tipo de leituras em tons de rosa.

Exemplo claro desse adensamento é a novela em curso na cultura regional. Não me canso de recordar as sucessivas mudanças nos executivos, com quatro chefias de gabinete, duas secretárias e três diretores regionais, entre o final de 2020 e o presente momento, para além de mudanças orgânicas, políticas inexistentes ou ineficazes, e outras questões internas de gravidade crescente relacionadas com alegações de abusos e tratamentos preferenciais que esperemos possam ver a luz do dia atempadamente, da mesma forma que outras já viram.

O atual executivo de Duarte Chaves continua a sua aposta numa causa que o anterior não assumiu: a inventariação do património imaterial relacionado com a Viola da Terra. Seria de elogiar o mérito desse trabalho, não fossem as queixas de que vou tomando conhecimento, ao nível dos bastidores, no que concerne ao tratamento das comunidades que realmente têm vindo a trabalhar para enaltecer esse instrumento e a sua musicalidade. Mais do que esquecidas, muitas das instituições que defendem e promovem a Viola parecem estar a ser estranguladas, para dar lugar a uma centralização do processo, que deveria ter começado de raiz a partir da sociedade civil.

Não conheço os motivos subjacentes, mas os mesmos vão sendo adivinhados nas esquinas e nos becos obscuros da direção regional. Perguntam-se as entidades envolvidas se os assuntos terão passado de culturais a pessoais. E não recebem respostas. Falta de resposta é também o que encontramos no processo dos apoios às atividades culturais. As candidaturas receberam já os ofícios de avaliação, é certo, e somente com quase seis meses de atraso, pasmem-se! Mas mesmo esse trabalho

carece de um conjunto de esclarecimentos e regulamentações que não só não existem como também não se encontram previstas neste processo de revisão que a Secretaria Regional anunciou recentemente, e que está em consulta pública, para quem quiser atestar esta afirmação.

Há, inclusive, júris que não só reconhecem essas limitações como assumem não ter capacidade de resposta para avaliar adequadamente o que lhes é pedido! Recordo as palavras de Brito Ventura, anterior diretor regional, que sublinhou junto dos agentes culturais que este processo seria uma das suas principais preocupações, e que a mudança prevista seria verdadeiramente transformadora para toda a Região. Assumi que a intenção seria boa, mas os resultados que agora encontramos com Duarte Chaves não são os prometidos. E será preciso apurar motivos, certamente, mas será, acima de tudo, necessário perceber se um novo diploma que não vai trazer qualquer tipo de mudanças efetivas será a solução que as e os profissionais de cultura precisam, neste momento.

Sobre o património cultural, é a própria coligação a trincar os pés dos seus técnicos, apresentando propostas internas, como a que será brevemente discutida, referente a Angra do Heroísmo e ao estatuto UNESCO, passando um atestado de incompetência à gestão do património imóvel daquela cidade, que merecia mais da parte da Divisão a quem legalmente compete orientar e recomendar as diretrizes necessárias para a sua salvaguarda.

A novela da cultura continuará, infelizmente. Não encontramos ainda um horizonte que preveja um final para a mesma, necessita-se de estratégias que se revelem eficazes.

Com Duarte Chaves, a linha de continuidade parece ser no sentido do afundamento. Esperemos que alguém pegue nesta barcaça à deriva, antes que os Açores percam os últimos resquícios da açorianidade que Nemésio um dia sonhou, e que parece agora desaparecer entre as brumas da política de alienação do arquipélago.

*Deputada BE/Açores

Maratona Literária de Ponta Delgada, inédita no país, superou todas as expectativas e há ambição de mais edições com autores nacionais e até internacionais

A Maratona Literária de Ponta Delgada, realizada nos dias 21 e 22 de Julho, superou todas as expectativas dos promotores deste projecto inédito no país, a editora Letras Lavadas em co-realização com a Câmara Municipal de Ponta Delgada.

O proprietário e editor da Letras Lavadas, Ernesto Resendes, fez um balanço «muito positivo do projecto», considerando terem sido atingidos os objectivos a que se propôs, designadamente os de «divulgar a literatura, a cidade de Ponta Delgada e os Açores». O responsável revelou ainda a ambição de, em futuras edições e novas colaborações com a Câmara Municipal de Ponta Delgada, «trazer crianças dos Ateliers de Tempos Livres para junto dos autores, contribuindo para aumentar o seu nível literário», e convidar escritores de «renome nacional e internacional a participarem na iniciativa.

O Presidente da Câmara de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, na sequência da sessão de encerramento da Maratona Literária que decorreu no pro-

longamento da Praça do Município, dando lugar à apresentação do livro “24 Maratona Literária - 24 horas / 24 escritores”, corrobora.

“Ponta Delgada sente-se, hoje, orgulhosa e projectada através da Cultura. É, por isso, com grande satisfação que assistimos ao lançamento deste livro que foi brilhantemente escrito e editado em 24 horas. Ainda para mais, quando o vimos apresentado aqui, num centro histórico renovado e devolvido às pessoas, permitindo uma verdadeira interação entre o livro e a cidade. E reforça que a edilidade está de acordo com a Letras Lavadas no que respeita à necessidade de trazer, de volta, os livros para cima da mesa, envolvendo autores como os 24 que fizeram parte desta Maratona Literária, inédita e pioneira no nosso país e que contou com uma adesão extraordinária”, sublinhou o autarca, enaltecendo a riqueza literária que o colectivo de escritores emprestou à obra.

“Num ano em que celebramos os 100 anos do nascimento de Natália Correia e

que é marcado pela nossa homenagem à Cultura, tenho de ressaltar o contributo e a extraordinária qualidade destes escritores. Esta geração de autores merece, de facto, a nossa admiração e não tenho dúvidas de que, através das suas palavras, estarão também a influenciar positivamente as gerações vindouras”, fez ainda questão de frisar.

A Maratona Literária levou 24 autores a escreverem em 24 locais distintos de Ponta Delgada. Colaboraram nesta iniciativa os escritores Susana Goulart Costa, Hélio Soares, José Andrade, Teófilo Braga, João Miranda, Susana Rodrigues, Telmo Nunes, Paula Sousa Lima, Ângela de Almeida, Madalena San-Bento, Maria João Ruivo, Malvina Sousa, Carolina Bettencourt, Leonor Sampaio da Silva, Hélder Medeiros, Orquídea Abreu, Pedro Paulo Câmara, Fernanda Mendes, Henrique Levy, Aníbal Pires, António Cavaco, Sidónio Bettencourt, Carolina Cordeiro e Carlos Tomé.

O livro foi apresentado pelo escritor e



humorista Luís Filipe Borges, um momento que foi precedido pela inauguração da exposição fotográfica de Paulo Goulart, no lado sul do Largo da Igreja da Matriz, onde pode ser apreciada pelo público, pois resume o acompanhamento feito e é resultado do seu olhar fotográfico sobre os 24 autores no seu momento e local de escrita. Quem também acompanhou os autores nesta jornada foram os Urban Sketchers Açores, cujas ilustrações estão presentes no livro e em exposição na Livraria Letras Lavadas.